

CONCEPÇÕES DE AVALIAÇÃO ENTRE GESTORES DE ESCOLAS COM ALTO IDEB NO NORDESTE

Patrícia Simões/Fundaj/Brasil

patricia.simoes@fundaj.gov.br

Manoel Zózimo/Fundaj/Brasil

manoel.zozimo@fundaj.gov.br

Resumo

O estudo apresenta uma discussão sobre qualidade e avaliação educacional. O objetivo foi investigar as concepções de gestores educacionais que obtiveram altos IDEBs em 2011 sobre a temática da avaliação. A pesquisa contou com a participação de 36 gestores educacionais de 32 municípios dos estados do Nordeste. Os gestores foram divididos em três grupos focais que discutiram aspectos que consideravam importantes para o êxito de suas escolas. A partir da análise das falas nos grupos focais, foram definidas três dimensões de análise: o foco da avaliação, os objetivos da avaliação e os instrumentos de avaliação. A análise apontou a centralidade da avaliação de larga escala nas falas dos gestores em qualquer das dimensões investigadas.

Palavras-chave: avaliação, qualidade, gestão

Avaliação e Qualidade da Educação

O debate nacional sobre a qualidade da educação vem se travando ao mesmo tempo e, muitas vezes, com os mesmos argumentos da discussão sobre a avaliação da qualidade do ensino. A complexidade dessas temáticas e as dificuldades para a formulação desses conceitos fazem desse debate um campo de enfrentamento de concepções epistemológicas, e até ideológicas, sobre práticas pedagógicas, currículo, gestão e formação docente.

Na história atual da educação no Brasil, os sistemas de avaliação da qualidade educacional consideram, separadamente ou em combinação, o percentual de atendimento de determinada faixa etária, o fluxo escolar e o aproveitamento escolar para avaliar a qualidade (OLIVEIRA; ARAÚJO, 2005).

A análise crítica de alguns autores apontam as limitações e o reducionismo a alguns aspectos e dimensões da qualidade e desprezo por outros. Também alertam para a inadequação dos

instrumentos de avaliação e das formas de interpretação dos seus resultados. E, ainda, assinalam a ausência da finalidade pedagógica das avaliações com a priorização da utilização dos resultados para a classificação ordinal dos sistemas escolares, em ranking, o que, para esses autores, não contribui para o desenvolvimento das práticas de ensino e de aprendizagem. Dessa forma, essas críticas aos sistemas de avaliação focalizam tanto o conteúdo das avaliações, como a forma de correção, análise e utilização dos resultados (CABRITO, 2009; COELHO, 2008; DOURADO; OLIVEIRA & SANTOS, 2007; FONSECA, 2009; MACHADO, 2007; VIANNA, 2005).

No Brasil, em 1988, foi criado o Sistema Nacional de Avaliação das Escolas Públicas que, a partir de 1990, passou a ser chamado Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB). Em 1995, esse sistema de avaliação realizou um teste de Português e Matemática em todos os estados do país e no Distrito Federal, com os alunos de 4ª e 8ª séries do ensino fundamental e 2ª e 3ª séries do ensino médio para escolas das redes pública e privada. Desde então, segundo os documentos oficiais do MEC, o sistema vem se aprimorando na metodologia, procedimentos e abrangência.

Em 2005, foi criada a Prova Brasil para complementar o SAEB, uma vez que esse último é realizado por amostragem e a Prova Brasil é universal, isto é, avalia todas as escolas públicas localizadas em área urbana com mais de 20 alunos na série. Por ser universal, possibilita a expansão do alcance dos resultados oferecidos pelo SAEB, que sendo amostral, oferecia resultados de desempenho apenas para o Brasil, Regiões e Unidades da Federação. A Prova Brasil também avança por fornecer as médias de desempenho para cada um dos municípios e escolas participantes.

A Prova Brasil e o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb) são avaliações em larga escala, desenvolvidas pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep/MEC). Os estudantes fazem um teste com questões de língua portuguesa, com foco em leitura, e de matemática, com foco na resolução de problemas e respondem a um questionário socioeconômico. Os professores e diretores das escolas avaliadas também respondem a questionários sobre dados demográficos, perfil profissional e de condições de trabalho. Dessa forma, a Prova Brasil e o SAEB se propõem a avaliar a qualidade do ensino oferecido pelo sistema educacional brasileiro a partir de testes padronizados e questionários socioeconômicos.

Também em 2005, foi criado o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) com o objetivo de medir a qualidade de cada escola e de cada rede de ensino, considerando os dados sobre aprovação escolar obtidos no Censo Escolar e as médias de desempenho nas avaliações do Inep: o Saeb e a Prova Brasil. O propósito do IDEB é ampliar e combinar os aspectos considerados num único indicador de qualidade educacional.

As informações sobre o IDEB do país, dos estados, dos municípios e das escolas estão

disponíveis na página eletrônica do MEC, no intuito de possibilitar o controle social da qualidade da educação oferecida pelas redes públicas. O MEC também estabelece metas a serem atingidas até 2022, diferenciadas para cada escola e rede de ensino, com o objetivo único de alcançar 6 pontos que seria a média correspondente ao sistema educacional dos países desenvolvidos.

Alguns estudos procuraram investigar as relações entre aspectos da gestão educacional, escolar e municipal, e os índices alcançados pelas escolas ou pelas redes municipais (PADILHA; ÉRNICA; BATISTA; PUDENZI, 2002, SOARES & COLABORADORES, 2011; VIDAL & VIEIRA, 2013).

Soares e colaboradores (2011) analisaram as características pessoais e a gestão escolar de 2.477 diretores de seis estados brasileiros. O objetivo dessa análise foi traçar o perfil dos diretores de escolas consideradas com bom desempenho, utilizando-se os resultados do IDEB de 2007. Para a coleta de dados foi utilizado um questionário com 128 questões sobre atributos pessoais e da gestão. Foi realizada uma análise multifatorial das categorias criadas a partir das respostas dos diretores. Os resultados da análise apontaram características relacionadas à uma liderança “participativa”, “objetiva e firme”, como estar próximo à comunidade, apoiar os estudantes com dificuldades de aprendizagem, conseguir a adesão dos professores à proposta da gestão.

No plano municipal, Vidal e Vieira (2013) analisaram a gestão em 10 municípios cearenses considerando o comportamento do IDEB nas séries iniciais e finais do Ensino Fundamental. Foi observado nesses municípios um fortalecimento da dimensão pedagógica nas escolas, no entanto, foram registradas mudanças no conteúdo ensinado como redução do currículo e a supervalorização das matrizes da Prova Brasil.

O estudo de Padilha e colaboradores (2002) investigou as relações entre a qualidade do ensino, considerando os resultados do IDEB de 2009, e as características dos municípios. Os resultados revelaram que as metrópoles apresentaram indicadores negativos, sendo que no Nordeste os piores resultados estão entre os municípios localizados na faixa litorânea. Também foi evidenciado que municípios de alguns estados do Nordeste fogem do padrão negativo da região o que aponta a necessidade de outras pesquisas que possam esclarecer e aprofundar o conhecimento desses dados.

O presente estudo teve como objetivo investigar as concepções de gestores educacionais que obtiveram altos IDEB's em 2011 sobre a temática da avaliação. Pretende-se contribuir na reflexão sobre como os processos avaliativos vem sendo compreendidos e implementados pelos gestores num contexto de valorização das avaliações de larga escala, como o IDEB.

Procedimentos metodológicos desse estudo

A pesquisa contou com a participação de 36 gestores educacionais de 32 municípios dos estados do Nordeste que aceitaram o convite, entre 80 gestores inicialmente convidados. Os gestores convidados foram escolhidos entre as 20 escolas das redes estaduais e municipais com maiores IDEB's em cada estado. O critério da escolha também considerou a atuação do gestor durante o ano em que o IDEB foi avaliado, 2011.

Foram utilizados dois instrumentos básicos, um questionário, com questões abertas e fechadas e a realização de três grupos focais, com o aprofundamento de temáticas relacionadas a gestão. Os gestores foram divididos entre os três grupos, de forma que cada grupo focal era composto de 12 gestores, dois pesquisadores e 3 observadores (alunos de pós-graduação e bolsistas de iniciação científica que faziam parte da equipe da pesquisa).

O questionário foi preenchido pelos participantes que o entregaram posteriormente. No questionário, foram abordadas temáticas como: perfil do gestor e da escola e aspectos relacionados à gestão administrativa e pedagógica e à gestão das pessoas e dos programas educacionais oriundos tanto do governo federal como estadual ou municipal.

Para o grupo focal, foram realizados dois encontros e uma plenária onde os grupos apresentavam a síntese de suas discussões a todos os participantes. Para os dois encontros dos grupos, foram lançadas questões para discussão: no primeiro encontro, a questão relacionava-se aos aspectos que os gestores consideravam importantes para o êxito de suas escolas, no segundo encontro, a questão estava relacionada às dificuldades enfrentadas na gestão e os desafios que se colocavam para esses gestores. Cada grupo focal era conduzido por uma pesquisadora e tinha uma relatoria realizada por outra pesquisadora também da equipe da pesquisa.

O presente estudo realizou uma análise temática que focalizou as falas dos gestores dos grupos que estavam relacionadas à avaliação. A partir da análise dessas falas, foram definidas três dimensões de análise e, para cada dimensão, foram identificadas categorias de análise como descrito a seguir.

Dimensão 1 - **foco da avaliação**: a) no aluno (quando a avaliação tinha como objetivo avaliar o desempenho, a aprendizagem, as competências e/ou as habilidades do aluno); b) na prática pedagógica (quando o processo de avaliação focalizava o ensino, os professores, suas práticas, material didático); c) na instituição (quando a avaliação se constituía como uma avaliação institucional, considerando o cotidiano da escola, a gestão, da participação dos pais, o relacionamento entre os atores da escola).

Dimensão 2 – **objetivos da avaliação**: a) selecionar alunos; b) separar os alunos em turmas segundo

seu “nível de aprendizagem”; c) treinamento para a realização da Prova Brasil; d) melhorar as práticas pedagógicas; e) orientar o planejamento da escola.

Dimensão 3 – *instrumentos de avaliação*: a) reunião de professores e/ou com outros setores da comunidade escolar; b) provas dos sistemas de avaliação do estado ou do próprio município; c) provas utilizadas em exames anteriores da Prova Brasil; d) provas elaboradas pelos professores da escola.

Resultados: as falas dos gestores

A análise das falas dos grupos, considerando a dimensão 1, o **foco da avaliação**, aponta para uma priorização nas ações de avaliação citadas pelos gestores nos alunos, em detrimento de outros atores e/ou instâncias da escola ou da comunidade escolar, como na fala a seguir:

Recebendo os alunos, faz-se um diagnóstico. Todos os professores são orientados a fazer esse diagnóstico. E ali nós vamos identificar quais são os alunos que vão ter mais dificuldades para chegar naquele resultado.

Na alfabetização do primeiro e segundo ano a gente preocupa mais em ver o nível que o aluno está para poder trabalhar com ele. Já no segundo ciclo, a gente já nutre mais essa preocupação. Então depois dessa avaliação externa a gente também começou a ter essa preocupação para saber como trabalhar com atividades adequadas nesse nível de proficiência.

Ela influencia, a gente tem planejar, pautar, para avaliação em determinada escala não é. Aí a gente pode formar com a pessoa, realizar reunião, fazer estudo, e voltar para essa avaliação em alta escala (...) Então, particular assim a gente faz esse trabalho, essa avaliação em alta escala, vê a proficiência, faz simulação, as provas têm os descritores, ele já foi informado, e tem, o professor ele pode avaliar por sala e por aluno, não é. E aí ele vai ver que habilidade aquele aluno deixa a desejar, aí monta um quadro avaliativo e a gente vai reforçando. E dentro da matemática, que a nossa média deu um salto muito bom em matemática, que era um problema, nós criamos uma sala de jogos. Aí o aluno joga ali a dama, mas ali já está dando cartesiano, já está dando vários assuntos, para ser uma matemática mais lúdica. E aí o professor, eu concordo, o aluno sabe que ele vai fazer a Prova Brasil, ele sabe para que serve, o professor ele é orientado o tempo todo, e é cobrado até na prova esses descritores.

Dessa forma, o desempenho, a aprendizagem, as capacidades e habilidades do aluno apareceram como principais preocupações dos gestores, apesar da menção, em vários momentos, da avaliação com foco nas instituições ou nas práticas pedagógicas.

Aí, a cada mês nós temos um grupo em formação, de gestores que são formados, colocam o resultado desses simulados, apresentam esses resultados, apresentam os descritores críticos, os descritores que precisam voltar para serem retrabalhados de outra forma, e além dessas avaliações nós temos avaliação do coordenador, de leitura, primeiro, segundo e terceiro ano. Faz até o quarto e quinto ano, mas quarto e quinto ano mais para fluência, ritmo, essas coisas. Mas no primeiro e segundo ano, e terceiro, o coordenador chama o aluno individualmente, faz a leitura, aí eu sento com o coordenador e a gente vai primeiro ano, temos quatro alunos com uma leitura ainda não com nível adequado para o primeiro ano, a gente chama o professor e a gente chama amarrar, são quatro que estão com dificuldades, vamos amarrar esses dois ou três. A gente pega esses dois e melhora. Aí o retorno de um mês se ele não melhorar a gente amarra os outros dois, até nós termos todos os nossos alunos alfabetizados no final do ano.

(...) Olha, a gente tem o SAEB, nos quatro primeiros anos a gente ficou com 6.48 e foi subindo, 6.68, mas a gente não saiu de 6. (...) Então o que nós combinamos com os professores, nós já tínhamos vencido a evasão, e onde é que estava o problema? Na prática pedagógica. Porque se a gente já tinha vencido esses outros elementos que tanto dificultam o ensino, e o ensino estava pelejando, então a prática pedagógica estava errada.

O foco da avaliação é no aluno mas como estratégia para a melhoria dos indicadores. Dessa forma, observa-se que há uma centralidade nas falas dos gestores dos resultados das avaliações de larga escala em que se pretende “medir” a qualidade da educação.

Porque as vezes ele não tem a base, então nós fazemos simulado, isso desde o primeiro ano, quando a escola trabalhava todo ano a gente fazia do primeiro ao nono ano, e agora a gente procura fazer simulado, seminário, projetos que contemplam todos os conteúdos que a prova traz. (...) Agora, como o aluno ele já está acostumado a fazer, ele tem aquele... de dois em dois meses, geralmente é o final do bimestre, se faz uma provinha bem parecida, com todos os conteúdos que ele trabalhou, mas como ele está acostumado é uma ferramenta a mais apenas, é um recurso a mais.

Então assim, as pessoas as vezes dizem assim: e o acompanhamento? A coordenadora da escola ela é atuante e eu acredito no trabalho dela. Porque assim, a gente consegue o resultado. Porque a gente coloca no quadro de departamento tudo o que a escola precisa para melhorar. O que a gente precisa, e o primeiro ponto que os professores apontam é o departamento de professor, departamento com a coordenação. Então a coordenadora participa das aulas, pelo menos uma vez por mês ela participa das aulas todinha do professor, ela recebe o professor na hora de educação física porque não tem outro momento. Lá faz, a gente faz. E ela consegue fazer a mediação entre os outros para poder melhorar. (...) Mas eu acredito que lá o resultado a gente consegue por isso. E o nosso resultado do primeiro ao quinto, eu estava dizendo ontem, que lá o chamado foi mais por conta do fundamental II. Só que o nosso resultado lá, por ser uma escola nova, tem seis anos apenas, o primeiro resultado foi 4. Então assim, 4 e 4.2 para uma escola nova, que só tem seis anos, então 2011 tinha quatro anos, não foi tão ruim, foi bom.

Com relação à dimensão 2, diferentes objetivos são atribuídos à avaliação, como a seleção de alunos, a separação dos alunos por “nível de aprendizagem”, treino para a Provinha Brasil e

orientação para o planejamento das práticas e da gestão, como está registrado nas falas a seguir:

Na escola que eu trabalho, para eu lhe responder, faz uma avaliação de português e de matemática, e uma produção de texto, uma entrevista a qual a mãe tem que falar toda a situação dela, como é que ela é porque nós sabemos quem é a pessoa, e temos que trabalhar toda aquela situação.

É o seguinte, o que a gente faz? O que eu faço? A gente faz a separação inicialmente, o que vai acontecer? A gente vai acompanhando diariamente as crianças, as avaliações são feitas mensalmente na escola. Quando a criança vai melhorando, da bronze ela vai para a prata, vai melhorando da prata até chegar o ouro. Então o que é? É colocar as que estão no bronze na prata...

(...) esse ano, no início do ano, (trecho inaudível) já fez uma avaliação diagnóstica de todas as escolas, criou um programa que criou os gráficos de resultado, sexta-feira o gestor já vai para a regional para nos dar esse resultado. Então está tendo assim também internamente tanto nas regionais quando no estado um controle, um monitoramento das escolas voltado para as avaliações externas.

No entanto, observa-se que as falas que mencionaram quaisquer desses objetivos têm uma vinculação maior com o objetivo de aumentar o IDEB da escola, da rede municipal e da rede estadual. Esse parece ser o objetivo sempre presente, constante nas falas dos gestores como a finalidade maior das avaliações.

Que tem esse controle também. Inclusive esse ano nós não vamos passar por Prova Brasil, mas nós temos argumentos internos do estado que são equiparados. E nós fizemos o mesmo trabalho sistemático com a avaliação do estado de Pernambuco. Inclusive a nossa meta do estado ela é mais alta do que a do IDEB, já para forçar a gente a alcançar o resultado da prova do estado e do IDEB.

(...) na avaliação externa, não adianta omitir isso do professor, do aluno, da comunidade escolar. Nós trabalhamos para dar resultados, e eu como gestor a minha maior preocupação é o planejamento do professor. Nós temos a escala de planejamento cada professor já sabe o dia. Por exemplo, na quinta-feira é o planejamento dos professores de matemática, todo professor de matemática naquela tarde estão todos juntos, sempre falo com coordenador pedagógico, você não tem a obrigação de ser diretora administrativa, mas eu como diretor administrativo eu tenho a obrigação também de ser coordenador pedagógico.

Quanto à dimensão 3, foram citados instrumentos com diferentes formatos e origens para a realização da avaliação. Algumas redes municipais e estaduais têm seus próprios sistemas de avaliação em larga escala e esses são utilizados nas gestões.

Na minha rede funciona assim, de 5 anos até o nono a gente tem as provas, e todas as nacionais e estaduais, a própria Secretaria faz todo bimestre uma prova com todos os alunos desse bloco. Por conta disso, quando chega a avaliação, a gente tem um dado muito grande para que o professor faça o seu trabalho e avalie as atividades, e a gente praticamente acabou com as avaliações bimestrais na própria escola. Porque eles

fazem muita avaliação, e todas essas avaliações, as do município, retornam para a escola.

O uso desses instrumentos não foram relacionados a finalidade como a melhoria do planejamento e gestão escolar. Observou-se também uma forte tendência a usar os instrumentos de avaliação como forma de treinamento.

E o ano passado também teve plantão de matemática, que envolveu alguns pais, alguns professores de matemática que eram pais, e outros pais que ficaram responsáveis por outras ações, porque nesse plantão de matemática teve, aconteceu assim: a gente estava elaborando prova, já em setembro, uma avaliação com todos os descritores da Prova Brasil de matemática e aplicou com os alunos de quinto ano.

(...) Então eu fui estudar como que os alunos eram. Fui fazer, estudei com os professores, e depois nós entramos, trabalhar realmente nas habilidades de leitura e de matemática, uma por uma, para saber como trabalhar, e nós descobrimos que tinha muita coisa que nós cobrávamos do aluno, mas não dávamos condições. E aí quando a gente começou a fazer o projeto, um projeto sistemático, e quando iniciou março a gente já estava começando a trabalhar, já tinha feito a avaliação diagnóstica e já sabia quais os alunos que estavam com dificuldade, já sabia qual (inaudível), e a partir daí nós fomos fazendo a intervenção. Toda terça-feira tem planejamento, a gente planejava o tempo certo de cada atividade, já com a atividade na sala, a atividade de reforço, a atividade de casa. E fomos assim modificando a prática pedagógica.(...)

Pouco foi mencionado sobre instrumento desenvolvidos pelos próprios professores. Mesmo quando os professores são mencionados enquanto responsáveis pela elaboração das provas, o modelo para essa elaboração são os testes utilizados nas avaliações em larga escala.

Então a gente tem que rever a Educação porque muitas vezes a gente como profissional de Educação não é valorizado também por isso, porque qualquer pessoa pode opinar dentro da Educação, dentro da escola, em assuntos específicos. Porque eu acredito que avaliar um aluno dentro de competências, habilidades, desempenho, participação efetiva em sala de aula, quem tem conhecimento para isso é profissional de Educação.

Algumas conclusões

A análise das falas dos gestores nos grupos focais apresentada nesse estudo evidenciou a centralidade que as avaliações externas em larga escala vêm assumindo no desenvolvimento da gestão educacional, tanto nas escolas, como nas redes municipais e estaduais.

Todas as três dimensões investigadas apresentaram essa mesma característica. Quando se

observou que o foco da avaliação nas falas dos gestores está no aluno, também se assinalou que o aluno é percebido como o “alvo” da estratégia utilizada pela gestão para a melhoria dos resultados tanto no IDEB, quanto nos indicadores dos sistemas estaduais de avaliação.

Na análise da dimensão 2, aliado aos diferentes objetivos das avaliações mencionados pelos gestores, como seleção, organização das turmas, treino, entre outros, também registrou-se o “objetivo maior” e para o qual todos esses convergiriam, melhoria do desempenho nas provas que leva ao aumento da média da escola e, conseqüentemente aumento do indicador de qualidade.

Por fim, quando considerada a terceira dimensão, os instrumento de avaliação, o papel pedagógico das avaliações internas praticamente não é citado. Como também, o papel do professor enquanto sujeito de sua prática e responsável pelos processos avaliativos não aparece de forma significativa, como se essa não fosse uma de suas atribuições e parte do processo pedagógico. Ao invés disso, é apresentada uma supervalorização da importância dos instrumentos de avaliação externa. As ações e práticas pedagógicas na escola, incluindo a definição do currículo, a formação docente, a organização das turmas e das aulas de “reforço”, etc, se voltam para as avaliações externas e seus instrumentos.

Esses resultados, juntando-se a resultados de outros estudos anteriores mencionados no início desse texto, convidam a uma reflexão sobre concepções de avaliação da educação, qualidade do ensino e gestão educacional. Cabe aqui um questionamento sobre os fins e os meios para uma educação de qualidade. Nesse sentido, a avaliação, enquanto um aspecto inerente ao processo de ensino e aprendizagem, constitui-se um meio importante na busca da qualidade do ensino e da educação. Dessa forma, é um processo que necessita da participação de todos, gestores, professores, pais, alunos e demais atores que compõem a comunidade escolar, precisa estar presente no planejamento e nas discussões dessa comunidade e requer instrumentos cuidadosamente elaborados. No entanto, não é a finalidade do ensino e não pode ser tratada como tal.

Referências Bibliográficas

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Censo Escolar 2011. <http://portal.inep.gov.br/basica-censo>. Acesso em 01/03/2013.

CABRITO, Belmiro Gil. Avaliar A Qualidade Em Educação: Avaliar O Quê? Avaliar Como? Avaliar Para Quê? *Cadernos Cedes*, vol. 29, n. 78, p. 178-200, maio/ago. 2009.

COELHO, Maria Inês de Matos. Vinte Anos de Avaliação da Educação Básica no Brasil: aprendizagens e desafios. *Ensaio: avaliação de políticas públicas educacionais*, v. 16, n. 59, p. 229-258, abr./jun, 2008.

DOURADO, Luiz Fernandes; OLIVEIRA, João Ferreira de & SANTOS, Catarina de Almeida. A qualidade da educação: conceitos e definições. *Série Documental. Textos para Discussão*, 2007.

FONSECA, Marília. Políticas públicas para a qualidade da educação brasileira: entre o utilitarismo econômico e a responsabilidade social. *Cadernos CEDES*, vol.29, n.78, pp. 153-177, 2009.

MACHADO, Nilson José. Qualidade da educação: cinco lembretes e uma lembrança. *Estudos Avançados*. 2007, vol.21, n.61, pp. 277-294.

OLIVEIRA, Romualdo Portela; ARAÚJO, Gilda Cardoso. Qualidade do ensino: uma nova dimensão da luta pelo direito à educação. *Revista Brasileira de Educação*, p. 5-23, jan /fev /mar /abr, 2005.

SOARES, Tufi Machado et al. A Gestão Escolar e o IDEB da Escola. *Revista Pesquisa e Debate em Educação*, v. 1, n. 1, 2013.

VIANNA, Heraldo M. *Fundamentos de um programa de avaliação educacional*. Brasília: Líber Livro, 2005.

VIDAL, Eloisa Maia; VIEIRA, Sofia Lerche. Gestão educacional e resultados no Ideb: um estudo de caso em dez municípios cearenses. *Estudos em Avaliação Educacional*, v. 22, n. 50, p. 419-434, 2013.